

APRESENTAÇÃO

A REVELL edita seu 5º número, o 2º temático. A proposta que congrega os trabalhos aqui publicados é discutir a formação e revisão do cânone, objeto temático que resulta de atividades desenvolvidas dentro do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS e nos grupos de pesquisa “Literatura, História e Sociedade” e “Historiografia, Cânone e Ensino”. Esta 5ª edição da REVELL traz contribuições de autores de várias IES do Brasil.

Tão polêmica quanto atual, a questão do cânone recebe aqui abordagens diversas, que vão das revisões bibliográficas mais gerais a reivindicações/discussões canonizantes específicas, tratando, por vezes, de obras ou autores poucos conhecidos.

Abre a edição um ensaio livre de João Carlos de Souza Ribeiro, que aborda de frente a questão da verdade (e/ou das verdades) como critério de formação do cânone. Em estilo rebuscado, o texto parte de uma reflexão ampla, reportando a Aristóteles, para em seguida discutir os problemas referentes à formação do cânone no Brasil, como a dependência da historiografia e a transplantação cultural; questões cujos efeitos se fazem sentir de formas diversas – e com consequências decisivas – nos diversos períodos de nossa história literária, conduzindo, na visão do autor, à necessidade de uma descanonização programática, centrada não na desqualificação dos cânones instituídos, mas na suprasingularidade dos objetos poéticos.

Segue-se o artigo de Juliana Bezerra de Oliveira Sachinski, de visada igualmente ampla: partindo da etimologia da palavra “cânone”, a autora expõe e contrasta as posições sobre o tema de autores fulcrais como Borges, Bloom, Compagnon e Ítalo Calvino.

Em seu artigo, Lizandro Carlos Calegari aborda a presença de mulheres, negros e gays como objetos de representação e sujeitos da escrita na literatura brasileira. Abordando narrativas de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Luis Silva, o autor busca demonstrar a imbricação dos processos de seleção canônicos com as posições de poder, problemática que os escritores referidos transporiam para o âmbito da criação literária ao criar espaços de representação transgressivos.

No artigo seguinte, Andre Benatti debruça-se sobre a escritora paraguaia Josefina Plá e discute os critérios de configuração canônica na literatura hispano-americana, incluindo aí – em vista do privilégio concedido aos escritores homens no âmbito desse cânone – as questões de gênero.

Já Adriano Smaniotto tenta intervir diretamente na composição do cânone brasileiro contemporâneo, reivindicando, implícita mas incisivamente, um lugar no mesmo para a poesia de Josely V. Baptista, marcada por estruturas e procedimentos originais como o “bloco aerado”, cujas finalidades se ligariam diretamente a produções de efeitos no leitor de nosso tempo.

Em seguida, Marcos Teixeira de Souza traz à cena um romance de José do Patrocínio, para o qual reivindica, quando menos, um “expressivo valor histórico e literário”, e cujo virtual desconhecimento por críticos e leitores se deveria à incômoda abordagem de temas sociais, sobretudo o mito da democracia racial brasileira. Ele próprio incômodo, o artigo de Souza é uma inquirição direta à formação do estudioso de literatura brasileira, quiçá marcada por uma lacuna a ser preenchida com urgência.

No penúltimo artigo, Elisangela Redel e Stéfano Paschoal estudam o diálogo do romance *O seminarista* de Bernardo Guimarães com o *Fausto* de Goethe, por meio de suas personagens Margarida e Gretchen. Novamente se coloca, aí, a questão da representação do feminino, mas trata-se também, sem dúvida, de afirmar – ou reafirmar – um lugar canônico para o romance de Guimarães.

Finalmente, Alan Victor Flor da Silva e Germana Araújo Sales estudam os prefácios do escritor paraense João Marques de Carvalho. Prefácios estes que se prestariam a embates explícitos ou implícitos não apenas com certo leitor ideal como entre o escritor – arvorado em suas pretensões canônicas – e seus pares, sobretudo os adeptos da escola romântica e, no âmbito de uma disputa específica em torno do Naturalismo, o conterrâneo Inglês de Sousa.

Trazendo a público sua 5ª edição, a REVELL tem a convicção de apresentar uma contribuição modesta mas efetiva para as discussões em torno do cânone, principalmente na literatura brasileira, mas também com interessantes voos extraterritoriais.

A todos, uma boa leitura.

Editores do Número 05 da REVELL